

Em que pensas?

Reflexões sobre o futuro da participação cultural.

Abril e Maio
Quartas às 21h, no Zoom



20 de Maio de 2020
Com Marco Paiva

Entre os dias 13 e 27 de Março, utilizei com frequencia a expressão “Quando regressarmos...” Utilizei-a em diversas circunstâncias, profissionais e familiares, sempre na tentativa de criar um sentimento de **esperança e prosperidade**, de me juntar à ideia de que este era o momento fulcral para tomar decisões **transformadoras** e que agora entraríamos verdadeiramente num momento novo. E que, “Quando regressássemos...”, tudo seria inevitavelmente diferente.

O dia 27 de Março de 2020 foi, como sempre, o Dia Mundial do Teatro. Nesse dia, ia falando com alguns colegas de profissão, ia lendo o que escreviam nas redes sociais e ia acentuando uma ideia que começava a pairar nos últimos dias: as coisas não estavam a correr bem, as perspectivas eram poucas e avizinhavam-se problemas agudos de subsistência, num presente muito próximo.

A 23 de Março, a Fundação Calouste Gulbenkian tinha anunciado um fundo de emergência para a Cultura no valor de 1 milhão de euros. Pela mesma altura, o Ministério da Cultura anunciava um concurso denominado como “Fundo de Emergência de Apoio às Artes”, que viria através do Fundo de Fomento Cultural.

A 27 de Março sabia-se, então, que o estado português, através da tutela da Cultura, disponibilizava 1 milhão de euros e a Fundação Calouste Gulbenkian, mais 1 milhão de euros. O estado operacionalizava mais medidas de apoio social através do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. As dificuldades sublinhavam-se de dia para dia nos diversos sectores de actividade.

E em resposta a essas dificuldades, outras iniciativas emergiam, da **mobilização social**: a caixa solidária, grupos informais que se disponibilizaram para reunir pequenos apoios financeiros ou em géneros, acções de entreajuda entre vizinhos...

A comunidade a exercer efectivamente a sua definição: um grupo de indivíduos que compartilham algo.

Este ‘algo’ era, na verdade, um estado. Um estado de impotência, de indecisão, de receio, se quiserem; de **medo**, perante o anúncio de um inimigo imaterial e desconhecido na sua capacidade de mexer com o quotidiano - que até ali, e com todas as **incertezas, dúvidas**, maleitas e **desafios**, nos parecia, ainda que inconscientemente, controlável e, por vezes até, aborrecidamente previsível.

E então, considerando a afirmação que proferi dezenas de vezes nos primeiros dias deste confinamento, “Quando regressarmos...”, vi-me obrigado a colocar a mim próprio uma questão: Mas quando **regressarmos** de onde? Para afirmar que regressarei, tenho de considerar que parti para algum lado. E então, **parti** para onde? A resposta chegou-me rapidamente...

Eu não parti para lado nenhum. Eu limitei-me a fazer uma coisa que tantas vezes reclamei: a de me demorar num determinado sítio. A de ter tempo, para a partir da perspectiva onde me via encerrado, observar e agir se possível, sobre o que estava a acontecer. Como se age à distância num território que exige proximidade física.

Há 69 dias que me demoro em casa. Fisicamente, entenda-se, porque na verdade, tudo o resto – seja lá o que isso for - é bem mais complexo. E então, o que é que todos estes **movimentos** – individuais, comunitários, institucionais e governamentais, têm haver com o conceito de Cultura?

Não respondo.

Pelo trabalho que faço, cruzo-me habitualmente com profissionais da Cultura de diversas áreas e com **expectativas, necessidades e experiências** muito **diversificadas**. No decorrer destes meses, fui falando com quase todos eles: do teatro à dança, da fotografia à música, aos museus... actores, actrizes, bailarinos e bailarinas, mediadores e mediadoras culturais, programadores, curadores, gestores, bibliotecários... E cada um deles partilhava as dificuldades gerais e específicas, mais individuais ou institucionais, que iam identificando e a incapacidade de as resolver nos mais diversos níveis de escala.

Então, começámos todos a perceber que estávamos perante não uma nova problemática, mas mais uma espécie de fratura exposta, que nos dura há largos anos: O Cultura não é um eixo prioritário, o sistema social não responde condignamente às necessidades de um conjunto de profissionais, dos mais diversos sectores, que exercem a sua profissão de forma precária.

Esta constatação em carne crua trouxe, num primeiro momento de discussão, um ponto de **convergência**, que a mim me agradou particularmente: era preciso começar a pensar em **soluções** e medidas, não apenas para os artistas, mas sim para um sector que nos surgiu bem mais diversificado, o sector Cultural. E, também, que as medidas sociais de fundo que deveríamos procurar implementar teriam obrigatoriamente que entender os conceitos de precariedade e intermitência, por exemplo, como dificuldades transversais a outras áreas do mercado laboral.

Resumindo: para finalmente entendermos e exigirmos o reconhecimento da Cultura como sector fundamental, teríamos de o pensar em **diálogo** com os mais diversos sectores. Analisando e respondendo às suas especificidades, mas mantendo um diálogo estreito com as necessidades e especificidades dos outros sectores, **escutando-os** na mesma medida.

Redefinir a utilização de alguns conceitos. Exigir, mas fundamentar o que exigimos, propondo uma relação colaborativa. Olhar para além da norma. Fazer o exercício de observarmos através de perspectivas distintas, demorando-nos num determinado lugar o tempo necessário para absorver o ponto de vista, mas não caindo na tentação de nos demorarmos excessivamente, ao ponto de nos parecer individualmente confortável ficarmos por ali. Ser atento, mas irrequieto; intervventivo, mas dialogante; exigir, mas saber ceder.

Nada disto é novo. Este momento particular da Humanidade colocou a nu a sua própria fragilidade.

Mas, ao mesmo tempo, olhámos para dentro das casas uns dos outros, conversámos durante horas, conhecemos melhor as nossas próprias casas, aqueles que vivem ao nosso lado ou a nossa própria solidão. Percebemos que as nossas casas são diferentes, que os que vivem ao nosso lado também o são e que, inevitavelmente, não há solidões comparadas. Revisitámos, ainda que inconscientemente, a partir do nosso covil – e perdoe-me esta expressão - o conceito de **diversidade**.

Não há então a necessidade de nos reinventarmos, há sim a generosidade de continuarmos a alimentar a vontade de olharmos mais fundo para nós e para os outros. E, a partir dessa **generosidade e atenção, redefinir os territórios e a forma como estes dialogam entre si.**

Os públicos, que tantas vezes mencionamos, são pessoas que ocupam ao nosso lado os territórios, que têm casas, gentes ao lado e solidões para as quais podemos espreitar, ao mesmo tempo que os convocamos para espreitar as nossas casas, as nossas pessoas e as nossas solidões. A Cultura poderá ser então esse grande edifício **imaterial**, onde convergem estados de espírito, expectativas, dúvidas, desejos, necessidades, pontos de vista e distâncias.

O papel do Estado e a implementação de políticas culturais e sociais que definam a cultura como eixo estruturante são fundamentais e urgentes.

Mas há algo mais importante que tudo isso: a nossa capacidade e disponibilidade individual para nos pormos em causa, sermos generosos, rebeldes, provocadores, inquietos, dialogantes e eternamente ávidos de olhar para além do que nos dizem que as coisas são. E tudo isto, não são características dos artistas, são sim, nervos fundadores da massa Humana.

Depois existem todas as problemáticas que nestas noites de quarta-feira, e em tantos outros encontros e conversas ao longo do nosso percurso profissional e pessoal, temos tido sobre algo que nos une. Cá estaremos todos.

Para terminar e depois de escrever estas linhas, fui pescar palavras e conceitos:

Esperança	Prosperidade	Transformadoras	Mobilização social	
Comunidade	Compartilham	Medo	Incertezas	
Dúvidas	Desafios	Regressar	Partir	Perspectiva
Observar	Agir	Território	Proximidade	Movimento
Expectativa	Necessidade	Experiência	Convergência	
Soluções	Diálogo	Escuta	Generosidade	
	Diversidade		Imaterial	

Algures por aqui estará a Cultura.

Discussão

- Apesar de todas as crises serem vistas como uma oportunidade, como um momento para olhar para coisas que são estruturalmente erradas e procurar resolver algumas delas, acabamos sempre por nos concentrar no imediato, na emergência concreta. Nunca, realmente, aproveitamos a oportunidade para resolver o que precisa de mais tempo, mais empenho, mais determinação, mais negociação e, talvez, maior confronto...

Evitamos falar do que é estrutural. Estamos a falar de problemas de fundo que, se não os resolvemos, não resolvemos mais nada. Deixamos para uma fase a seguir, quando se torna difícil de explicar porque é que estas coisas são importantes. Falamos sem dados, sem qualquer mapeamento da situação, e os nossos argumentos tornam-se frágeis.

Acabámos sempre em falar de dinheiro. De “apoios”... As pessoas da Cultura reivindicam “apoios...”. Eu não quero ser apoiado. Quero saber se o Estado está interessado em investir na Cultura, neste sector em que trabalho, e se está disposto a dialogar comigo.

- Soube-se que é provável que o dinheiro da Cultura para Todos que não foi ainda utilizado transite para apoiar outras áreas, consideradas prioritárias no contexto da pandemia. Não há dúvida que o sector da Saúde, por exemplo, necessita de um apoio efectivo, estrutural. No entanto, e felizmente, a grande maioria dos portugueses não precisaram de serviços de saúde nestas semanas. Mas muitos, muitos mesmo, recorreram à cultura, nas suas mais diversas expressões, para se aguentarem. O que é que torna uma área mais essencial que a outra?
- É importante que as CCDR percebam que a cultura não é um luxo e que qualquer alocação de fundos da cultura em outras áreas exige auscultação dos agentes.
- Acho que a questão principal é o reconhecimento que somos um sector de trabalho que produz é que traz riqueza. Por isso a ideia que se está sempre a apoiar os “coitadinhos”.

Parece que quando se investe na Cultura – quando se “apoia” os artistas – estão a fazer-nos um favor. Mas é verdade que temos um problema de comunicação como sector. É difícil termos um discurso que possa tornar-se contagiante, também para quem está fora dele, fora do nosso núcleo. Sinto que há 20 anos que estou a falar com e para as mesmas pessoas. É difícil, por exemplo, trazer gente nova para trabalhar com práticas artísticas inclusivas. Mas cada conquista é uma pedrinha.... Somos obrigados a trabalhar em duas escalas: uma macro/estrutural e uma de proximidade.

Fiquei muito desapontado com as reacções de algumas pessoas no nosso sector ao anúncio da Dgarts de um projecto em parceria com o Manicómio, um projecto para artistas com doença mental. Ignoramos que foi preciso anos, décadas, de trabalho para se conseguir uma consolidação nesta área. Um trabalho que o João Silva começou no Hospital Júlio de Matos e que envolveu sensibilidade, carinho, interesse, abertura e, sobretudo, liberdade. Nós, artistas, falamos muito de “liberdade”, mas parece ser difícil praticá-la.

Penso também no caso da pessoa que quis concorrer à uma escola artística e que recebeu uma resposta inconcebível, por ter uma deficiência. Não pretendemos continuar a trabalhar dentro de determinadas linhas normativas. É óbvio que há entraves dentro do próprio sector. Precisamos de ter um discurso mais robusto, entender o que é diversidade e pluralidade.

Parece que “encerramos” as palavras. É preciso desmistificá-las. A apreensão do som não pode ficar encerrada numa certeza. A mesma palavra tem outra beleza na boca de outra pessoa.

Cingimo-nos a um conceito de oralidade para comunicar, porque a maioria usa esta linguagem,

porque é mais confortável. Nós próprios limitamo-nos no uso de ouras formas de comunicação.

- Gosto dessa chamada de atenção para a desmistificação e a reflexão.
- Falta um estatuto artístico à pessoa com deficiência. Para quando?
- O estigma da diferença está a aumentar, no meu ver.
- Lembro que numa conversa na Culturst, depois do espectáculo “Ganesh contra o Terceiro Reich” (que envolvia pessoas com deficiência intelectual), não percebi o que um dos actores respondeu a uma pergunta que foi feita. O meu impulso foi dizer que não tinha percebido e pedir ajuda para compreender o actor. Não o fiz... Em segundos, avaliei a situação e percebi que ia chocar as restantes pessoas na sala, o que teria sido contra-producente naquele momento.
- Fico zangado quando as pessoas fingem que percebem o que digo, quando não pedem para eu repetir ou ajuda para compreender o que disse. Deverias ter perguntado...
- Vale a pena chocar. Vale a pena pedir que se seja compreendido. para não desligarmos do outro.

Falta-nos o exercício da escuta. Falta empatia, a partilha de um momento, o tempo para olhar para o outro, o diálogo, a generosidade.

- A palavra é “respeito”.
- Como diz o Tolentino, conhecer exige tempo...

Acredito que podemos encontrar convergências com facilidade com os profissionais de Saúde, com bombeiros, com polícias... A cultura é uma pulsão que mexe com a sociedade em geral. Colaborar neste entendimento, isto é Cultura.

Referências

Dan Hicks, [Before the Lockdown, the Public Was Agitating for a Revolution in the Way Museums Operate. Will This Crisis Finally Force Through Change?](#)

Fundação Calouste Gulbenkian, [E agora que as portas reabrem?](#) (vídeo - debate no Dia Internacional dos Museus)

Maria Vlachou, [“Ganesh contra o Terceiro Reich” e a pergunta que ficou para a próxima vez](#)

Marta Porto, [Imaginação: reinventando a cultura](#)

Wangari Maathai, [I will be a hummingbird](#) (video)